

Leão XIV, o trabalho e o clima: por que ninguém pode ser deixado para trás¹

André Castro Santos²

O Papa Leão XIV iniciou seu pontificado há poucos dias, mas os sinais de sua atenção à justiça social e ambiental já estavam visíveis em seu primeiro ato ao ser eleito pelo Conclave. Para quem presta atenção nos símbolos, os gestos são claros. Ao escolher se chamar Leão XIV, o novo pontífice acena diretamente ao Papa Leão XIII, que, ainda no século XIX, dedicou sua histórica encíclica *Rerum Novarum* à defesa dos trabalhadores. Não é exagero dizer que ali nasceu, com força, a Doutrina Social da Igreja.

O gesto simbólico do novo Papa, portanto, não pode ser subestimado. A escolha do nome é também uma afirmação de continuidade e do papel ético de referência da Igreja num campo que, historicamente, também foi disputado por correntes como o socialismo revolucionário, que reivindicavam a liderança na defesa dos trabalhadores à margem de qualquer valor religioso. Em tempos em que o negacionismo climático se traveste de pragmatismo e os interesses econômicos buscam deslegitimar a justiça social, retomar esse legado é mais do que um tributo histórico — é um chamado à responsabilidade ética e coletiva.

A autoridade de figuras como Leão XIV pode ajudar a devolver densidade ética a um debate que tem sido dominado por cálculos financeiros e projeções tecnocráticas. A transição ecológica será também uma transição moral — ou fracassará em seu intento civilizatório.

Como se sabe, a transição para uma economia de baixo carbono, mais limpa e resiliente, será inevitável. Mas o modo como ela será feita ainda está em disputa. A expressão “não deixar ninguém para trás” aparece com frequência em fóruns internacionais como a Organização Internacional do Trabalho, nas COPs do clima e nos discursos oficiais de governos. O problema é que, muitas vezes, ela é dita da boca pra fora. Para que a transição energética, por exemplo, seja, de fato, justa, é preciso garantir que os trabalhadores da velha economia não sejam simplesmente descartados, e que os empregos gerados pela nova economia verde não se baseiem na mesma precarização que marca tantas cadeias produtivas hoje.

Nesse contexto, a Igreja parece ter algo a dizer. Leão XIV, ainda como bispo nos Estados Unidos, criticou abertamente políticas que precarizavam a vida de migrantes e desmontavam proteções ambientais — temas profundamente conectados à desigualdade, ao mundo do trabalho e à injustiça ambiental. Também já afirmou, em

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/esg/artigo/leao-xiv-o-trabalho-e-o-clima-por-que-ninguem-pode-ser-deixado-para-tras.ghml> Acessado em 13.05.2025

² Pesquisador, advogado e geógrafo. Mestre em direito ambiental pela USP e Doutor em Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Lisboa e em Direito Ambiental pela USP. Diretor Técnico da Latin American Climate Lawyers Initiative for Mobilizing Action (LACLIMA) e membro do Conselho Consultivo Acadêmico do Youth Climate Leaders (YCL).

fóruns internacionais, que o domínio humano sobre a criação não pode ser tirânico. Essas falas, embora não tratem diretamente das relações laborais, ajudam a desenhar um pontificado atento à justiça social em sua dimensão estrutural.

É preciso lembrar: transição justa não é um conceito abstrato, nem uma concessão que se faz ao discurso ambientalista. É uma condição de legitimidade. Sem ela, a transição corre o risco de ser percebida como ameaça, não como oportunidade. E onde há medo, há resistência — legítima ou, sobretudo, instrumentalizada por interesses negacionistas. Os movimentos sociais e os sindicatos têm razão quando cobram que a transição seja planejada com participação, proteção social e geração de emprego decente, sem deixar ninguém para trás.

A presença da Igreja Católica no debate climático não se faz pela força, mas pela autoridade moral. E se Leão XIV levar adiante o caminho que começa a desenhar, sua voz poderá ecoar onde hoje há silêncio — especialmente entre os trabalhadores mais vulneráveis, que não podem ser esquecidos no futuro verde que tanto prometem construir.